

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Jardins -- Escolas FIOS DE DUAS MEADAS

De entre as instituições educativas de carácter particular, uma há que, merecendo ocupar o primeiro plano na cultura infantil encontra-se ainda, infelizmente, numa apagada e imerecida situação.

Quero referir-me às Escolas-Jardins, que o génio do insigne poeta e incomparável educador que foi João de Deus, concebeu e realizou numa época em que o martirizante e antiquado método conhecido pelo B-Á-Bá, era adoptado oficialmente nas escolas do País.

Este ronco e maço sistema ensinava a soletrar e não a raciocinar e só à custa de muito trabalho por parte do professor e alunos é que se conseguiam resultados satisfatórios.

João de Deus, porém, que a par de um exímio poeta era um grande pedagogo, pretendeu acabar com esse difícil sistema instrutivo, até certo ponto conseguiu o seu intento, embora à custa de muitos trabalhos e de muitos dissabores.

Teve que lutar, primeiro contra a rotina Nacional sempre predisposta e impenetrável às ideias sublimes. Depois sobreveio a inveja que de braço dado com a ignorância tem procurado conservar afastado do convívio escolar-infantil um método de ensino que outro igual não conhecemos.

Com efeito, a *Cartilha Maternal*, é um verdadeiro catecismo de doutrina educativa que só um psicólogo como foi João de Deus era

capaz de conceber. Por tal método se aprende contando e se educa brincando.

Repito: Só um poeta psicólogo poderia ter uma inspiração tão altruista e humana. O ensino ministrado pelo método de João de Deus, não satura o cérebro mais tenro e inculto antes o ilumina e instrue. É já sobejamente comprovado que até nos adultos a boa disposição espiritual é meio caminho andado para a melhor assimilação.

Começando por determinar de uma maneira fácil e compreensível o valor das letras não é difícil mesmo a uma criança de 4 anos, familiarizar-se com tal método sem este correr o risco de se aborrecer. E fá-lo com a mesma facilidade com que brinca com os bonecos ou outros meios de distração infantil.

Evidentemente que em muito influi a assistência do professor que antes de mais nada carece estar, integrado no espírito que presidiu à urdidura do referido método.

O professor infantil, a nosso ver, tem que ser sempre além dum atencioso observador um autêntico psicólogo. Se tais qualidades não reunir, o seu esforço não dará o rendimento desejado.

E nada é mais prejudicial à instrução de que o prematuro atrofamento cerebral quase sempre proveniente de indesculpáveis erros psicológicos. A missão do professorado é o mais difícil e espi-

nhosa da sociedade.

Nenhuma merece mais cuidados e atenções e não conhecemos outra que mereça tantas compensações materiais e morais. Da sua acção depende em grande parte o bom ou mau funcionamento desta complicada engrenagem que se chama humanidade.

Dotá-lo com os meios necessários ao bom desempenho do seu sacrosanto mister, eis o dever do Estado. E não é, julgamos com métodos antiquados e atrofiados que se habilitam os que a seu cargo tem a construção do edifício social.

João de Deus, deu um grande passo para facilitar a resolução do problema educativo e instrutivo entre nós.

Pena é que os seus «Jardins-Escolas», não estejam disseminados por este Portugal fora a pontos de construir um encantador jardim, sonho dourado do grande e cada vez mais esquecido português.

Diniz de Oliveira

Peixoto Alves

Iniciou-se no grupo ciclista desta casa, Os «LEÕES DA MODELAR»

Quem tenha seguido a Volta a Portugal em bicicleta terá notado que um ciclista se tem distinguido sobremaneira, Peixoto Alves. Muitos são os que sabem que ele é de Palmeira, Braga, mas poucos são os que sabem que esse conhecido ciclista se iniciou em Amares, na categoria de populares, defendendo as cores dos Leões da Modelar, a que pertencem as oficinas onde se publica este semanário.

Peixoto Alves envergou, portanto, ao iniciar a sua carreira de ciclista as cores verdes-brancas para agora envergá-la camisola vermelha que simboliza a rivalidade dos dois grandes clubes lisboetas.

No ciclismo, no futebol, como em tudo, são os clubes pequenos as alavancas do progresso das modalidades. Quem sabe se não fora a esforçada actividade do nosso modesto grupo tal ciclista

Vistos de Bissau — escreve no «Deutsche Zeitung», de Estugarda, o jornalista alemão dr. Scholl — Latour — os chefes dos chamados «movimentos de emancipação» da Guiné portuguesa não passam de charlatões.

Henry Labéry tem o seu quartel-general em Dacar, onde também possui uma agência de viagens. Acumula.

Nas suas veias não corre nem uma gota de sangue guinéu: filho de uma caboverdeana de cor e de um francês europeu, não pode inspirar, e não inspirar, e não inspira, de facto, senão desconfiança às populações indígenas da Guiné.

Diz-se democrata e as suas ligações imediatas são, na ver-

dade, com o Governo senegalês, não com a República da Guiné.

Quando foi a Nova York depor, como peticionário, perante a Comissão de Curadorias das Nações Unidas, deixou-nos a impressão de ser mais adversário do regime do português do que propriamente inimigo de Portugal. Deixou-nos também a impressão de ser uma criatura estadiosa, mas pouco inteligente e por completo desprovida de qualquer espécie de sedução pessoal.

Amílcar Cabral é preto, mas também caboverdeano. Engenheiro agrónomo, diplomado pelo Instituto Superior de

(Continua na 6.ª página)

A NOSSA AGRICULTURA**Males a remediar — Usos a por de parte**

Como prometemos no número anterior, aqui estamos novamente nas colunas deste semanário.

No primeiro artigo tratamos de arrendamentos rurais por considerar-mos que na sua reforma, está o ponto de partida para o novo rumo que a Lavoura regional deve tomar e sem os atropelos, sempre inconvenientes, uma massa de trabalhadores que por indole ou por rotina, se não presta a grandes e abruptas transformações.

Por julgarmos do maior interesse vamos neste, tratar de dois assuntos da maior importância e pelos quais qualquer leitor pode verificar que muito mal vão as coisas na nossa lavoura, e quão irrados são os velhos sistemas de trabalho em uso e dos inormes benefícios que adviriam para a nossa lavoura, se modassem de processo de trabalho, os nossos lavradores.

Como no primeiro artigo, continuamos a escrever baseados na experiência própria; e em resultados que cada um pode verificar, de 15 anos de adaptação: Falaremos hoje de:

não existiria no plantel do ciclismo nacional. Razão têm, pois, os que clamam pelo amparo aos pequenos, por serem eles os viveiros dos grandes.

Estrumes e Gados

Poderia-mos também chamar-lhes Matéria Orgânica e Pecuária, mas preferimos tomá-los pelos nomes próprios da região, afim de melhor nos entendermos.

Depois de tratarmos da associação de capital e trabalho achamos serem, como disse-mos estes dois problemas, «Estrumes e gados» a base dum agricultura progressiva uma região tão fértil e tão própria para se extrair dela boa compensação.

O nosso lavrador não sabe fazer estrumes, nem sabe aproveitar a inorme riqueza do gado.

Vejamos: — Deve ser preocupação dominante dum exploração agrícola, capaz de produzir a maior quantidade e melhor qualidade de estrumes possível, pois eles são a base das boas culturas, assim como conseguir alimentar o maior número de cabeças de gado, das raças mais produtivas com vista não só à produção daqueles estrumes, como também à do bom rendimento que os gados podem dar.

Isto é fundamental e inegável.

Pois o nosso lavrador nem sabe fazer estrumes, nem sabe criar gado, repetimos.

No que se refere a estrumes,

(Continua na 4.ª página)

VERSOS DE RAPAZ**Olhos que me olharam**

P'los olhos que me olharam eu fiquei
No mesmo instante quase sem juízo;
De todo endoideci quando os fitei
E neles vi abrir-se o paraíso!

Mas por eles, que não tornei a ver
Tão acariciadores como em princípio,
Outros mundos fazendo-me antever,
Esta loucura é o meu maior suplício!

Porque afinal os olhos que me olharam
Nunca mais os meus olhos procuraram,
Nunca mais lhes volveram um olhar!...

Mas a farsa que saltou dos céus
Desses olhos um dia para os meus,
Ai! nunca mais deixou de m'os queimar!

UERBA

TRIBUNA FEMININA

Coordenado por JORNAL FEMININO

REENCONTRO

de EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA

Chegou-se à janela com passos lentos e abriu-a de par em par. Atirou um olhar pesado para a entrada que corria em baixo. Seguiu o jovem casal que se mimoseava de carícias até que desapareceu além da curva. Abanou a cabeça encanecida. Pobre dele. Como se sentia velho! Chegou-se até de frente do espelho pesado que pendia da parede: «Como estás velho meu pobre Mário, como estás velho!». Vagorosamente, passou as mãos por entre os cabelos reluzentes. A direita desceu e espalmou-se na testa queimada:

«A, ah, bem sei por que te sorris... Estás a lembrar-te dela... é verdade... Como o tempo passa... Como nós passamos... Lembras-te do que ela te disse quando nessa tarde tu franziste a testa nesse teu gesto tão habitual? Parece-me que ainda a ouço dizer essas palavras naquela voz um pouco mimada: «Vais ter três filhos e... dois abortos!... Isso! Também da outra vez lhe achaste graça. Ela tinha dessas saídas.

Nessa tempo... três rugas e uma partida a meio... E agora? Piff!... E afinal, quanto a filhos..., que tu sabes, não tens nenhum. E bem pena tens, já sei. Gostavas de ter descendência. Os filhos são, talvez, a única finalidade do homem na terra. São o nosso prolongamento. A nossa imortalidade... Mas não quiseste casar. De resto, sempre tiveste cuidado... Também a tua vocação não era muita. Nunca conseguiste mulher que te agradasse plenamente. Se tinha virtudes..., não te agradava o físico. Se te agradava o físico, não simpatizavas com o efeito... Toleimas, toleimas.

«Três filhos e dois abortos... — Como a pobre Rute deve estar modificada! Da última vez que a vi — já lá vão 15 anos! — disse-me que tinha casado... que era infeliz... que saudades minhas... Pois é, dizem todas o mesmo. Eu bem lhe dissera: «Rute, tu não deves casar. Não tens feito para uma esposa calma, ponderada. Tu amas demais a vida e ainda te amas mais a ti. Não deves casar, Rute!» Ela respondeu, sem expressão: «Sim, não devo casar. Já cheguei a essa conclusão, Mário». Iludiu-se... e iludiu o outro. Felizmente que não tiveram filhos. Que esse não têm culpa.

«Oh, quantas rugas! Mas ela... ela tinha a testa lisa... e macia. Lembro-me bem».

Aproximou-se de um pequeno armário e retirou um album. Folheou páginas.

«Ah, cá está. Tal e qual

como ainda permanece na tua memória. Na pujança dos seus 20 anos. Bela. Sedutora. A irradiar fascínio. Aqui em «maillot». Como ela amava o seu corpo!

Nesta aqui, os dois: muito juntos, os cabelos dela a esvoaçarem sobre a tua cabeça. Que orgulho ela não tinha nos seus cabelos negros que lhe desciam até meio das costas! Dava nas vistas — e isso irritava-te. Vocês eram dois bons camaradas que compreendiam o sentido prático da vida.

E tu lucraste com esse convívio. Não digas que não, porque eu bem sei que ela foi a tua musa durante muito tempo. Lembras-te dos poemas que lhe dedicaste? Vá, não sorris desse modo. Ou é nostalgia? É o primeiro conto com que a homenagiaste? Fizeste questão em o publicar no teu primeiro livro.

«... Foi no dia em que ela fez 21 anos. Não a encontraste nesse dia. Em casa penaste nela. Fervilhou-te a imaginação. Estavas em vésperas de exame. Mas o seu propósito foi o mais forte. Arrumaste os livros e entraste na «saleta do galo». Era a tua sala preferida. Era Fevereiro, mas sei que nessa tarde o céu estava azul. Foi nesse recanto favorito, querido, isolado de tudo menos dos teus pensamentos, que o teu conto saiu de uma golfada. Era para ela esse conto. É o conto era um pedaço do teu ser. Dizia que ela não merecia o teu labor. Que tinha receio. Que no seu sorriso não havia sinceridade. Mas, mesmo assim, escreveste. Porque na tua frente tinha o feitiço da sua imagem».

Dirigiu-se à estante e retirou um livro pequeno, encardado — sobrevivente de uma edição frustrada.

«Ei-lo. Relê-o mais uma vez, que te fará bem. Ainda tens presente o seu estilo? Como vês, é sem jeito de epístola. Aquele a quem te diriges, o teu amigo Raúl, é um mito, produto da tua imaginação fértil. Mas esse mito existiu, de facto. O Raúl era a outra parte, a outra metade do teu ser.

Recolhe-te um momento e lê!

... ENCONTRO

Meu caro Raúl:

Ontem recebi um telefonema da Rute. Nós já tínhamos falado nisso a quando dos ensaios para a gravação. Sabes que ela tem bastante intuição p'ra o Teatro? É verdade. Orgulha-me de ter sido eu a descobri-lo.

Marcámos encontro para a tarde de hoje, sábado.

Estou a escrever-te à noite. Almocei. Tomei o comboio e encontrámo-nos cedo.

Esteve um dia esplêndido, hoje Sim, esplêndido em mais que um sentido... Bem, tu bem sabes o que eu penso das mulheres. Esta, porém, parece ser um pouco mais complexa. Sempre gostei de Psicologia. Serei, porém, capaz de a conseguir definir? Já a conheço há muito e ainda a desconheço bastante.

Já ta descrevi uma vez. Apetece-me, todavia, dizer-te como a vi hoje.

Trouxe um «tailleur» a condizer com a cor dos seus olhos: cinzento de tom azul, matizado.

Hoje pareceu-me mais bela, mais radiosa. Sobretudo os olhos estavam diferentes, mais expressivos. Mais felizes ou mais enganadores? Quase amorosos... Eu sei que te estás a rir de mim. Mas repara que eu digo «quase»...

Fomos até à praia. De perto, ao longe havia movimento. Sentámo-nos frente ao mar, sobre um barco abandonado. Sei que estás a ver romantismo nisto. E houve. Embora ela não goste de romantismo...

O mar estava manso e acariciava com a espuma a areia submissa e tremente de emoção. Os rochedos descansavam no seio do mar, que os abraçava. O sol rebrilhava no céu pintado de azul desmaiado.

Bem sabes como idolatro a Natureza.

A Rute acariciou-me os cabelos. E o rosto. Descansei no seu peito. De cima veio o brilho do seu olhar. Tem uns olhos engraçados, a Rute, sabes? São grandes, já to disse, dum tom acinzentado e matizados de outras mais cores. Mais bela ainda é a sua expressão. Estudada? Por que o dizes?

E os seus cabelos? E os lábios?

O seu feitiço? Já te disse que é complicado. Tens já alguns tópicos acerca do seu modo de ser. Sim, talvez egoísta, mas não só. Egocêntrica? Megalómana? Mas... como o deduziste?

Ela é um mundo atordoante que eu adorava conhecer.

Que sou eu para ela? Será que eu o sei perfeita e realmente?

Porque me debruço para o conhecer? Sim, embriaga-me o seu corpo. É ela? É eu?

Ouve, Raúl: conhecemos o drama do grande Tolstoi? Ah, quanta semelhança, meu velho, quanta semelhança!

Mas se me interrompes a

(Continua na 4.ª página)

Culinária

Pepinos com recheio

Descascados os pepinos, cortam-se-lhe os extremidades, dividem-se em 3 ou 4 pedaços por cortes perpendiculares ao eixo e extrai-se a parte central, onde existem as pedividas. Ficam, assim, com a forma de canudos curtos, os quais se metem em água fervente; por pouco tempo, até ficarem macios; depois, recheiam-se com um picado de carne de boi, de vitela, de galinha, ou mista, caldando-a muito bem com a ajuda do cabo duma faca, por exemplo.

Em seguida, com uma faca bem afiada, dividem-se os canudos em discos com a espessura de 4 a 5 milímetros, que se vão colocando numa frigideira bem untada de manteiga. Deita-se-lhes por cima molho de qualquer estufado, polvilham-se com queijo parmeão ralado e levam-se ao forno a corar.

Salchichas com couves

Cozem-se couves-lombardas em água e sal, com toucinho e presunto. Após a cozedura, colocam-se sobre elas as salchichas, já picadas com uma agulha, e dá-se-lhes uma pequena fervura. Tira-se tudo, depois, pondo a escorrer um passador. Tiram-se as couves, juntando-lhes pimenta, noz moscada e queijo ralado. Colocam-se numa travessa que possa ir ao forno e à mesa, alisam-se bem, deita-se-lhes por cima ovo batido, que se espalha, e polvilha-se com pão ralado. Passam-se as salchichas por ovos batidos, põem-se sobre as couves levam-se tudo ao forno até aloriarem.

Os segredos da COZINHEIRA

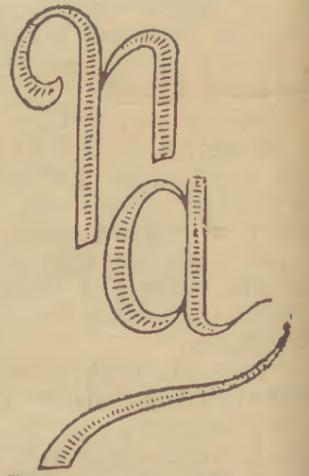
— Para bem grelhar o peixe deve untar-se este e a grelha com azeite.

— Uma omeleta nunca deve ser voltada com uma colher, mas sim com uma pá.

— Para que o peixe do rio fique mais gostoso põe-se de molho em vinagre quente antes de se cozer.

— As sopas podem engrossar-se com farinha, mas mais gostosos se a farinha for alourada antes de ser adicionada à sopa.

— Para conservar as tangerinas em perfeito estado de maturação durante um mês embrulhe-as em papel de seda e guarde-as num sitio fresco o arejado.



Para o seu Lar

Este monograma ficará muito bem bordado com linha Ancora na sua roupa de cama

JORNAL FEMININO

É uma revista que sabe ser amiga, camarada e companheira.

Assine: «JORNAL FEMININO». «Da mulher para a mulher»

Se por mero acaso ainda não conhece esta revista, basta dirigir-se em postal ou carta solicitando um exemplar.

Escreva para «Jornal Feminino» R. D. João IV-904 PORTO

Concorra ao concurso de Bordados, Crochet e Tricot. prémios de 2.500\$00, 1.500\$00 e 1.000\$00

«Jornal Feminino» o Jornal ideal para a mulher actual

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Celebrou-se no dia 14 de Agosto a memória da batalha de Aljubarrota. Não posso deixar de vos lembrar tão decisivo acontecimento para a consolidação da independência de Portugal e sua expansão no mundo. Nela se distinguiram três chefes principais: O Condestável, com cerca de 25 anos de idade, o rei D. João I e D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga. Para comemorar a vitória e cumprir um voto o Rei mandou construir a igreja e mosteiro da Batalha em honra de Nossa Senhora da Vitória.

Ninguém, de boa-fé, poderá duvidar do heroísmo e da religiosidade dos combatentes de Aljubarrota. Oxalá que todos os chefes militares do exército português actual vivessem de fé cristã dos chefes militares portugueses da Guerra da Independência.

Capela de Santa Marta

Está em ruínas esta ermida do lugar de Santa Marta.

Em tempos idos, quando a Estrada nacional e as pontes do Bico não existiam, havia passagem obrigatória, junto da capela, para os barqueiros do Cávado, entre Lago e Palmeira. Assim quem de Lago, Renfê, etc., fosse para Braga, teria de passar junto da Ermida de Santa Marta. Outro tanto aconteceria aos que, de Vila Verde ou Prado. Depois da construção das Pontes refeitas e das respectivas estradas a coisa mudou e a capela de Santa Marta passou a ser vista pelos utentes da fonte do lugar, e pouco mais. A falta de uso dos caminhos levou os proprietários locais a tapar as passagens e a capela ficou então num «bêco sem saída». Mais: por culpa não sei de quem até o pequeno adro e as oliveiras nele contidas passaram a ser possuídos pelos donos da Quinta de Santa Marta. O último habitante-proprietário da referida quinta disse-me que tanto as oliveiras como o adro eram dele.

Desta forma, vendendo a quinta, o adro e as oliveiras passariam ao novo dono. Quando o Senhor Cônego Arlindo da Cunha afirma categoricamente que o adro e as oliveiras pertencem à capela, e portanto, à Fábrica da Igreja Paroquial de Lago.

Diz ainda que não é esta entidade que tem de apresentar documentos, mas sim o dono da Quinta. E agora? Veremos quem tem razão...

Entretanto sente-se a necessidade imperiosa de mudar a capela para sítio onde possa haver culto e a capela seja vis-

ta de todos. Por isso o Rev. do Pároco de Lago comprou dentro do lugar de Santa Marta e junto da estrada nacional trezentos e cinquenta e um metros quadrados de terreno afim de ali instalar a Ermida de Santa Marta. Esta ocupará cerca de quarenta e oito metros quadrados e o adro, livre de qualquer servidão estranha, ocupará cerca de trezentos e três metros quadrados.

As imagens, a primitiva com cerca de oito séculos, e outra mais recente, encontram-se guardadas na igreja paroquial. Espero começar brevemente a demolição da velha ermida e a transferência dos materiais para o novo local, afim de se abrirem os alicerces e ser benzida e colocada a primeira pedra. Este dia será de festa rija e nêle se realizará um cortejo de oferendas para constear as despesas com o terreno e capela. Ninguém faltará!...

Estão gozando férias ou tomando os ares do campo, com suas famílias, os Senhores Dr. Carlos Teixeira de Sousa, Camilo Pereira, Maurício Queiróz, António Lopes, Manuel Alves e outros mais que ainda não encontrei, ou agora me não lembram.

Desejo-vos saúde e paz no Senhor: o vosso:

J. Moreira

Em goso de férias

Encontra-se de goso de férias com sua esposa e filha o nosso conterraneo e grande Amarense o Snr. António Antunes 2.º Sargento Comandante do Posto da G.N.R. de Alijó, teve a amabilidade de vir visitar o Quartel dos Bombeiros Voluntários desta Vila onde admirou o desenvolvimento desta terra. Numa das dependências fez certas referências à Banda de Amares de que é sócio muito devotado.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Vida elegante

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — O Senhor José Lúcio Dias Martins.

Amanhã — A menina Maria Adelina Vieira da Costa.

Dia 21 — A menina Maria Adelina Macedo.

Dia 22 — A menina Maria Júlia Russell Pereira.

Dia 23 — A menina Maria Lucília Macedo Martins.

SALVÉ 21-8-962

Passa na próxima terça-feira dia 21 do corrente o seu trigésimo aniversário natalício a Senhora Adelina Maria nosso particular amigo e assinante deste semanário Senhor João Gualberto de Macedo e da Senhora D. Joaquina de Azevedo comerciantes nesta Vila.

Por tão alegre data seus pais irmãos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos na companhia de seus pais.

ANIVERSÁRIO

Passa na próxima Quinta-feira dia 23 do corrente, o aniversário natalício o nosso grande amigo e assinante deste semanário Senhor Américo Dias Pisão, proprietário nesta vila, homem bondoso sempre pronto a prestar qualquer favor, mesmo que acarrete grandes prejuízos para êle, o que nem sempre é compreendido por aqueles que o procuram.

Por tão faustosa da Tribuna Livre felicita o ilustre aniversariante e faz votos que esta se repita por longos anos na companhia de sua esposa.

Visado pela censura

A Ignorância não aproveita

(Continua na 6.ª página)

outras palavras: em que se distingue o sujeito assim, de um selvagem da floresta?

Ora a sociedade organizada com superiores e súbditos com direitos e obrigações claramente definidas para que o poder se não torne descrionário e a disciplina seja pelos súbditos atacada. Daí o concluir-se que o primeiro conhecimento devida social é a ordem ou a hierquia.

A Autoridade máxima, o Legislador supremo não será o Criador que não só arrancou ao nada todas as criaturas, mas, ainda, as estruturou e organizou?

Como será possível conhecer-se o homem, multiplicação das suas relações, na complexidade da sua existência, se ignora o princípio da sua vida, o supremo Ordenador das relações em que se integra?

A ignorância voluntária não aproveita a ninguém, e não é aceitável, a quem quer que seja. Para certas leis humanas nem a ignorância involuntária adianta, como é o caso das contribuições devidas que o Estado não perdoa.

Para além da ignorância há a realidade que é subsistente. Ainda que eu ignore que o lume queima, ou que

a vida cessa em determinado momento eu não deixarei de morrer, ou de me chamuscar se me deixar envolver nas chamas do fogo.

A realidade é essa e não lhe podemos fugir de maneira alguma. A ilusão contrária só me prejudicará.

A ignorância religiosa também não aproveita a ninguém porque para além da indeferência, da hostilidade ou da ignorância, permanece a realidade independente do homem.

A indiferença religiosa é acto de ciência ou de ignorância?

Em questão de tão grande importância será prudente manter-se na dúvida ou na sistemática negativa? Em ordem ao Bem Supremo não há direito de ser-se ignorante sem ter de arrostar-se com as consequências que podem ser fatais.

A ignorância voluntária não é circunstância atenuante para quem não quer usar a inteligência e portanto contra a própria natureza.

A ignorância voluntária não aproveita a ninguém porque é mais um motivo de condenação. Vencer a preguiça e alcançar a Verdade é o triunfo da inteligência sobre a tendência animal do menor esforço



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



RELOJOARIA MAURÍCIO QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

A NOSSA AGRICULTURA | Reencontro

Continuação da 1.ª página

o sistema é antiquadíssimo. Ao lavrador só preocupa o mato.

Chega a avaliar-se o grau de produtividade duma quinta, para efeito de arrendamento, pelo número de carros de mato que as suas bouças produzem.

Embora reconhecamos o seu valor, se for aproveitado convenientemente, não compreendemos, a forma porque esse mato é tratado, pois como o nosso lavrador faz, ele não vale nada ou quasi nada. O lavrador roça o mato em Julho ou Agosto e deixa-o na Bouça até estar totalmente seco. Depois disso vem para o quinteiro, onde é estendido e aí passa o inverno. Só depois disso vai para enchugar as cortes do gado, onde não chega a decumpor-se. Na bouça perde o azoto, no quinteiro perde com a acção das chuvas mais propriedades, e depois vai para a corte a lenha, que não chega a decumpor-se, porque também as cortes não são próprias e todas as urinas e unidades, se ervam através do seu pavimento terreo.

E são esses estrumes, que só contém um pouco de matéria organica os que são empregados nos canteiros ou triviva inteiro, assim como as palhas e residuos alimentares estão sem decumpor.

Isto não é estrume. Não faz mal á terra, porque é sempre matéria organica de que a terra precisa, mas o valor é muito diminuto. Chegamos a ver pagar cerca de 150\$00 por um carro de mato, que utilizado desta forma é pura perda. Isto é confrangedor.

O mato só devia ter duas applicações:

Ser lançado na terra ainda verde, para a terra lhe aproveitar o azoto, ou então ser triturado para alimentação do gado, que teria a dupla vantagem de alimentar os animais e de ir para a terra da mesma forma.

Nós temos uma quinta que dos seus quinze hectares cinco eram de mato. A terra é boa e a situação era tal que era fácil a sua irrigação.

Não tivemos a maior relutancia em sachar esses 5 hectares e ficou essa quinta sem mato.

Resoltado, Aumentaram em quantidade e qualidade porque o terreno produz mais palha do que produzia em mato, os estrumes, o gado quasi duplicou, e triplicará quando estiverem construidas cortes modernas como temos noutra propriedade onde os alimentos são cortados e muidos de forma a nada se desperdiçar.

Das quatro cabeças de gado de trabalho que esta Quinta tinha, vai passar a ter 30, em sistema de criação.

Vê-se também, como tristeza, que cerca de metade das palhas e forragens que são dadas ao gado são perdidas porque o gado as suja e desperdiça, não só porque lhe são

dadas inteiras e os animais só aproveitam as folhas, como também não tendo mangedouras próprias para o seu conveniente aproveitamento, vão logo para os pés do gado.

Os prejuizos em palhas e forragens, deve andar a roda dos 30% o que significa menos fertilidade.

Mato estragado, forragens perdidas, estrume seco e pouco gado, são alguns dos piores males da nossa Lavoura regional.

No que se refere a gados, o problema é crucial, pois que o lavrador limitado por estes factores é obrigado a ter, em lugar de gado novo em maior quantidade e de diferentes idades, ter apenas 2 ou 4 animais velhos, quasi sempre vacas da raça, barrosa, donde não tiram qualquer rendimento, pois que se por vezes nasce uma cria, a desvalorização da mãe leva esse lucro.

Ora mesmo assim esses lavradores, em lugar de ter 4 vacas podia ter 8 animais em idades entre os 3 meses e os 3 anos, teria o mesmo despendio de comidas, como tenham gado sempre em idade de trabalhar e muito maiores lucros.

Mas a coisa não fica por aqui porque se o aproveitamento total das forragens se se tratasse melhor dos pastos o número de cabeças poderia passar a 12, que, por si, produziriam muitos mais estrumes, de muito melhor qualidade e consequentemente mais palhas, melhores pastos e mais cereais arrancaria a terra.

Os lucros subiriam rapidamente tanto nos cereais como nos gados porque tudo está na relação progressiva do seu aproveitamento.

No que se refere ao gado esse lucro poderia ainda duplicar, se os animais em criação fossem de raça mais produtiva e compensadora como acontece com o gado turino, cujo valor quasi duplica o do barrosa.

Neste aspecto também muito temos a esperar da raça Herford que a Secretaria da Agricultura está a importar para reproduzir-se entre nós.

Enfim repetimos, melhor aproveitamento pecuário corresponde a melhores estrumes mais forragens, mais cereais em resumo maiores lucros melhor nível de vida na Lavoura, melhor situação para a economia Nacional.

É pois necessário crear no nosso lavrador outra mentalidade, de forma que pelo exemplo de alguns, como acontece no nosso caso cujos motivos estão a ser seguidos por outros já, ou pelos ensinamentos que lhe podem e devem vir do técnico que devia estar à frente do Grémio Lavoura e dos serviços do Estado, êle se vá adaptando a novas formas de culturação, de criação de gados e de produção de estrumes, sem o que não poderemos ver uma lavoura progressiva.

Se as coisas se não modifi-

Continuação da 2.ª página

cada instante, como poderei eu dar-te a conhecer com a devida ordem tudo o que esta tarde se passou? Olha: retirámo-nos já de noite, depois do sol se ter posto da cor dos seus lábios.

Sim, Raúl, ela é adorável, mas na minha a sua rubra boca. Sim, quando nós estamos... Não, Raúl, é a Natureza!

Sim, é certo que a minha carta está sincopada. Mas sei bem que és capaz de suprir esta minha deficiência momentânea. Tu lês nas entrelinhas...

Isto passou-se hoje. O que será amanhã? Francamente, Raúl, não sei... Mas descansa que continuarás a ter notícias minhas.

Ah? Se receio o abismo?! Descansa. Firmarei os pés na terra. Já sei, Raúl: o sol dá vida e o mar tanto afaga como destrói...

Sim. Obrigado...

Até amanhã, Raúl.

Teu amigo íntimo, Mário».

Ficaram-lhe os olhos parados e mais brilhantes.

Uma andorinha adejou rente à janela de boca encarnada. Raúl, não sei... Mas descansa que continuarás a ter notícias minhas.

«Deixa o livro, meu velho. deixa o livro. Vá, isso... levanta-te. Põe de parte essa máscara. Então não ouves? Não ouves o retinir do telefone? Não sentes a presença dela, da Rute... no ar, no sol, na água dos riachos, na Natureza? Não lhe sentes a seiva? Ela chama-te. Chama-te! Ela voltou. Não morreu. Nem envelheceu. Não vês como te sorri com seus dentes de níveo marfim? Não lhe sentes o hálito quente e perfumado? E as mãos? E as carícias? E os cabelos a adejar?...

Vá, não fiques tonto. Já estás melhor, vês? Estás a olhar as rugas? A contá-las?! Compreendo. Já ris? Sim, bem vejo: «três filhos e dois...»

Ânimo: atende o telefone!...».

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

carem continuaremos a assistir ao exodo das populações, não pela despesa de mão de obra que uma conveniente encanização da lavoura poderia ocasionar, mas sim pela miséria a que estão condenados os nossos lavradores, que não se adaptarão a novos processos a novas culturas, terão de procurar melhor nível de vida noutro meio de emigrados.

P. M.

Dura Punição

Do Livro «Revolta e Crença»

Heis-nos incomunicáveis na prisão,
Sem luz, nem ar, nem pão,
Por professarmos nacional doutrina,
—A que Jesus pregou na Palestina,—
De amor e de perdão!...

É leve a pena; o nosso crime horrendo,
Talvez mais estupendo
Que o de Cain, matando seu irmão,
Merecia muito mais; delito atroz
Termos ousado levantar a voz
Pedindo aos grandes mais Justiça e Pão!

Quem nos mandou abrir ao povo os olhos
Mostrando-lhe os abrolhos
Que a demo-liberal-maçonaria
Por tóda a parte tem acumulado,
Há cem anos, contados dia a dia,
Com lágrimas que o Povo tem chorado?...

Quem nos mandou erguer, numa trincheira
Ao alto uma Bandeira
Com a sagrada Cruz da Redenção,
Cuja legenda diz aos que mourejam:—
Que os muito ricos menos ricos sejam
Para que aos pobres nunca falte o Pão?...

Quem nos mandou a nós não ser perjuros?
Soldados obscuros,
Poderíamos também ter desertado!...
Se tantos o fizeram e hoje são
Arautos, pregoeiros do Estado,
Inchadas sanguessugas da Nação!!!...

Aqui fica em memória o nosso crime.

Órem, e sublime
A grande causa pela qual sofremos.
Que nos importa a nós duras algemas?
Havemos de vencer, se não vencemos
Já hoje até, cumprindo injustas pênas!...

Senhora do Porto

PORTO D'AVE — PÓVOA DE LANHOSO

Grande Romaria nos dias 1 e 2 de Setembro de 1962

As novenas começam no dia 24 de Agosto às 9 horas

Dia 1 de Setembro

De manhã conclusão da novena e confesso.

A's 12 horas — Fogo. Entrada de uma banda de música

A' Tarde — Concerto Musical.

A' Noite — Grandiosa Procissão de Velas

Música — Fogo — Iluminação.

Dia 2 de Setembro

A's 7 horas — Missa rezada — Comunhão geral.

A's 10,30 — Missa cantada a grande instrumental e sermão.

A's 16,30 — Missa vespertina e comunhão.

A's 17 horas — Majestosa Procissão — Duas bandas de música — Vistosos andores — Muitos anjinhos e figuras alegóricas.

À NOITE:

Lindíssimas iluminações eléctricas

Concerto das Bandas

A' meia noite — Deslumbrante sessão de fogo de artifício

Gente do Norte — Todos a Porto d'Ave no dia 2 de Setembro

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

que sou filho único de Francisco José da Costa e de Custodia Rodrigues, ambos lá falecidos; e que não tenho herdeiro algum com direito à legítima, nem ascendentes nem descendentes; declaro nulo qualquer testamento que eu tivesse feito com data anterior a este, e declaro também que por não poder escrever pedi ao Reverendo João Hipólito Martins Capela, parócho da freguesia de Goães deste concelho, que este meu testamento escrevesse pela forma seguinte: Quanto ao pio e bem de alma quero, que tendo eu falecido o meu corpo seja envolvido com o hábito de S. Francisco, que o ofício de corpo presenta seja assistido de doze padres com a obrigação de missa, que por minha alma se mandarão dizer cento e cinquenta missas, e mais cento e cinquenta missas pelas almas de meus pais e antepassados, que aos pobres que se juntarem no dia do enterro serão distribuídas cinco razas de milho cozido ou em grão. Dispondo dos meus bens temporaes moveis e imoveis, declaro minha universal herdeira a irmandade de Nossa Senhora do Pilar canonicamente erecta na igreja parochial de S. Paio de Seramil acima nomeada; deixo à minha criada Maria Rosa da Silva o uso fructo da horta do Souto de Cima com seus rocios, que à sua morte passará para a dita irmandade herdeira, e nas mesmas condições deixo á dita minha criada a minha casa da cozinha com seus altos, e nos baixos a corte da rez e a dos cevados. Deixo a minha livraria ao padre que assistir à morte. Deixo a «sorte» da penedo das Chans em partes iguais a Antonio Rodrigues do lugar do Urjal e aos herdeiros de Maria Rodrigues do lugar do Crujeira, ambos da dita freguesia de S. Paio de Seramil, declarando que a dita «sorte» será dividida em duas partes iguais sendo uma para António Rodrigues e outra para os herdeiros de Maria Rodrigues. Nomeio meu testamenteiro Antonio Fernandes Antunes casado do lugar do Urjal, a quem deixo, como recordação dos seus serviços, a «sorte» do penedo de Termuntelo, e em segundo lugar à irmandade herdeira. E por esta forma tenho disposto de todos os meus bens moveis e imoveis segundo a minha ultima vontade, aos quatorze dias do mez de janeiro do ano de 1916. Eu que este escrevi a pedido do testador, Padre João Hipólito Martins Capela. O testador José Antonio da Costa — Segue o auto de aprovação. »

Como se vê, andou aqui com o bom conselho, a poderosa influência do abade da vizinha freguesia de Goães, que então era o Padre João Hipólito, irmão daquele outro saudoso Mestre que às lides do ensino e da investigação arqueológica dedicou todo o seu carinho e atenção, o sábio sacerdote Manuel José Martins Capela, honra da sua terra natal, S. Paio de Carvalheira.

José do Rego era um homem alto e magro, muito metido consigo, a dentro da sua casa rústica, mal devassada de estranhos por seus muros altos e espessos. Só à tardinha saía ao portal a receber e contar o rebanho das res que descia do monte e se repartia instintivamente pelos casais do lugar. Então aparecia, apoiado no cajado, um pormenor da sua indumentária o distinguirá — o uso de calças de alcapão — que já não se viam em mais ninguém, isto significava que vivia com poupença, rompendo ainda as velhas farpelas de seus avós.

Quando muito, atravessava a apertada «viela» que liga as duas partes do lugar de Cima e de Baixo de Seramil para ir em pequena digressão até ao Campo do Souto de Cima, a melhor propriedade agrícola da sua casa, e a única que escapou ao leilão de todas elas com o sentido de ficar para sustento da capelinha da Irmandade que instituíra por sua herdeira.

José do Rego possuía uma das melhores casas agrícolas da freguesia. Já de madura idade pensara em casar e chegou mesmo a falar nisto ao pai da rapariga em quem pusera os olhos para esse fim.

Mas os parentes, atentos a todos os seus passos, e julgando garantir-se melhor de vir a receber a cobiçada herança, metaram-lhe cartas anónimas e ameaçadoras por baixo da porta.

José do Rego, dadas as particulares circunstâncias do viver solitário (apena com a velha criada) a dentro dos vastos casarões, era um perseguido, especialmente da safunagem que o mordida, ora no canastro ora na Salga-deira.

Cada vez mais recolhido consigo, criou a psicologia do medo.

(Continua no próximo número)

Do Gerês

Festa em honra de Santa Eufemea

Como nos anos anteriores realizou-se no passado domingo a festa em honra de Santa Eufemea, tendo corrido tudo na melhor ordem. Parabéns a uma comissão organizadora que se esforçou por esta festividade não deixando esquecida a padroeira destas termas.

Foi muito concorrida apesar de ser ao mesmo tempo das festas de S. Bento da Porta Aberta.

Inspector Florestal

Tivemos o prazer de ver aqui o Ilustre Inspector Florestal Senhor Dr. Augusto Machado que vinha acompanhado de sua Ex.ma esposa Senhora D. Mafalda.

Estrada Florestal

Continuam as obras da estrada que parte de Vilar da Veiga para ligar a que vai do Gerês pela Pedra Bela em direcção ao lugar da Ermida. Depois desta ligação o turista terá o prazer de ir de automóvel pela Ermida, Pedra Bela ligando novamente as termas sem ter de voltar pelo mesmo caminho.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

NÃO SOU POETA

Não sou poeta! Adoro a poesia,
Nasci ao som das águas saltitando,
Dos grilos, das rãzinhas coaxando,
Do doce chilrear da cotovia!

Nasci sob o perfume inebriante
Da Madressilva, sol dos cuminhos;
Do aroma saudável dos pinheiros
Que fizeram de mim seu terno amante!

Sob o arrulhar de pombos inocentes,
No seio campesino d'almas crentes
Que me traçou da vida e celsa meta!

Adoro a sombra, a solidão, a vida
Do que é sombrio, em sonhos convertida,
Contudo, não, ó não, não sou poeta!

Gota D'Orvalho.

X X X

A INDIA PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

A terrível doença propagou-se rapidamente e a falta da indispensável profilaxia e a precária assistência médica, deixaram-lhe campo livre para estender a sua nefasta acção, fazendo numerosas vítimas.

Como o reino de Ormuz era muito rico, os capitães e fidalgos surgiram ao Vice-Rei que exigisse ao rei Turuxa maior soma de dinheiro, mas a primeira autoridade do Império Português da Índia não concordou com tal exigência, dizendo que a dívida do rei já representava uma elevada importância.

Afonso de Albuquerque aproveitou essa ocasião para afirmar aos seus amigos e colaboradores que todos ali trabalharam e sofreram, de mãos limpas, e que mais tarde outros viriam colher os frutos do seu desinteressado e honesto labor.

O glorioso Vice-Rei não escapou à infecciosa doença.

Como católico praticante que era, confessou-se e comungou para estar preparado para qualquer funesta eventualidade.

Em seguida reuniu os seus capitães e fidalgos e pôs-lhes ao corrente da administração pública.

A arder em fébre não descansava um só momento na ingente tarefa a que patrioticamente se devotara.

A doença ia-o debilitando de dia para dia, mas como homem sério quis por todos os documentos em ordem para entregar ao presumível sucessor o governo, no caso de succumbir à mortifera doença.

Felizmente para ele a fortaleza e todas as obras necessárias para instalar os serviços públicos e comerciais estavam concluídos, mercê de enorme auxílio pecuniário que o rei de Ormuz dera para esse fim.

Afonso de Albuquerque nomeou o capitão da forteza e a respectiva guarnição, assim como os funcionários, civis e militares precisos para a grande máquina burocrática que ali ia instalar, escolheu também o comandante em chefe os capitães dos navios que ali ficavam destacados em serviço da defesa da cidade e da soberania portuguesa.

O grande Vice-Rei era metucioso em todos os seus actos administrativos e ministrava a justiça com coerência e equidade.

Afonso de Albuquerque, com a inteireza de carácter, só não perdoava aos traidores, aos covardes, aos ambiciosos charlins — para esses era duro e implacável.

O rei e o povo da cidade de Ormuz depois de contactar assiduamente com o extraordinário homem público, manifestaram-lhe a sua enorme simpatia e veneração e depositaram nele a salva guarda dos seus interesses e a própria defesa pessoal.

E o grande Vice-Rei correspondeu inteiramente à confiança que depositaram nele, pois foi, na verdade, o grande amigo e defensor do rei e do seu povo.

Infelizmente, implacável a doença produziu os seus estragos de dia para dia, e o grande Afonso de Albuquerque não era mais do que uma pálido sombra do que fora.

O seu médico assistente, em face da progressão da doença, foi de opinião que o grande e excepcional português mudasse de ares, embarcando com rumo a Goa, para a sua cidade predilectada e amada.

O prazo de três anos do seu claro e fecundo governo já havia expirado, mas Afonso de Albuquerque contava que, devido aos altos e assinalados serviços que prestara na Índia, El-Rei D. Manuel I, como justa recompensa, não o mandasse substituir enquanto ele tiver forças para suportar o peso das responsabilidades das altas funções que exercia.

Depois de por tudo em ordem e antes que a morte o surpreendesse naquele reino, o Vice-Rei seguiu as indicações do seu facultativo, embarcando para Goa, para a capital do grande Império que gisara com inteligência e erguera com as suas próprias mãos.

(Continua no próximo número)

FIOS DE DUAS MEADAS A Ignorância não aproveita

(Continuação da 1.ª página)

Agronomia, de Lisboa, já quando estudante eram notórias as suas simpatias pelo comunismo. Agora, instalado em Conakry, capital da República da Guiné, mantém-se em contacto estreito com o MPLA («Movimento Popular de Libertação de Angola») e com o chefe desse movimento, o comunista de obediência moscovita Mário de Andrade. Outro dos seus amigos é Adelino Gwambe, chefe da UNDM — «União Nacional Democrática de Moçambique» — o qual se encontra agora, ao que parece, em Moscovo.

Entretanto, os contactos estabelecidos por Labéry, quando da sua ida a Nova York, foram, por intermédio do «American Committee on Africa», com Holden Roberto, chefe da UPA — «União das Populações de Angola». Intitula-se, aliás, «União das Populações da Guiné e Cabo Verde» o movimento-fantasma chefiado por Labéry. Não é, pois, necessário ter muita imaginação para adivinhar aonde nos conduz esta meada... A outra, é claro, leva-nos, e sem o menor desvio, a Moscovo.

Há ainda, com sede em Dacar, outro grupo antiportuguês. Tem por líder um preto da tribo dos manjacos, que diz chamar-se Mendy. Afirma pretender a independência da Guiné portuguesa, mas trata-se, na realidade, de um movimento de carácter puramente tribal.

As forças que actuaram e ainda actuam em Angola são, portanto, as mesmas que se preparam agora para actuarem na Guiné e também — conforme já o anuncia, com todo o descaro, a Imprensa soviética — em Moçambique. Por sinal que os do Kremlin se mostram

agora muito mais interessados em Moçambique do que em Angola. talvez porque no Congo português as castanhas estavam, afinal, demasiado quentes para as patas do gato russo... Como quer que seja, um delegado soviético, o sr. Oberemko, já foi propondo nas Nações Unidas que se apliquem sanções económicas a Portugal, se o Governo português não conceder, até ao fim do ano, a independência a Moçambique.

Por sinal que este intenso e súbito interesse dos russos por Moçambique (no seu discurso, o sr. Oberemko, insolitamente nem sequer aludiu a Angola...) não deverá agradar muito ao dr. Mondlane, antigo funcionário superior da ONU, actual professor da Universidade norte-americana de Siracusa e gostaria de ser — sabem-no todos os amigos — o primeiro Presidente de uma República Moçambicana.

(O dr. Mondlane está, evidentemente, para Holden Roberto e para Henry Labéry como Gwambe está para Mário de Andrade e para o Eng. Amilcar Cabral: os fios das duas meadas desenrolam-se paralelamente...)

É, todavia, de notar que as divergências e a discórdia não opõem somente aos líderes doutrinados e orientados pelo comunismo internacional as criaturas patrocinadas pelo «American Committee on Africa». Em cada um desses minúsculos e movimentos há em potência, quando já não declarados, um Ben Bella e um Ben Khedda, isto em obediência àquela bem conhecida lei da natureza, segundo a qual grilos e revolucionários se devoram uns aos outros...

Assim é que uma depuração esta em curso nas fileiras — bem

reduzidas, ao que se crê — do MPLA. Viriato Cruz era o representante do movimento em Leopoldville etambém, segundo nos dizem, o agente de enlace entre MPLA e os comunistas portugueses que no Brasil, em S. Paulo, editam um jornal, intitulado «Portugal Democrático». Pois bem. Mário de Andrade foi a Roma (como se sabe, na Europa os Partidos Comunistas espanhol e português estão sob o «patrocínio» do Partido Comunista italiano) e logo a seguir Viriato Cruz foi expulso do movimento. Mas, por outro lado, se com essa irradiação Andrade eliminou possivelmente um rival que começava a fazer-lhe sombra, rival de maior tomo lhe surgiu agora pela frente, na pessoa do dr. Agostinho Neto, poeta e médico angolano de cor, comunista categorizado — talvez mais do que o próprio Andrade — e que, tendo fugido de Portugal, onde se encontrava com residência fixa, se acha presentemente em Rabat. ANI

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

Nem toda a gente tem obrigação de ser instruída, mas ninguém tem o direito de ser ignorante.

Quero com isto dizer: Nem todas as pessoas têm possibilidade de frequentar escolas médias ou superiores, por falta de dinheiro, de tempo, de inteligência, ou de escolas adequadas. Por isso não é possível a todos adquirir grandes conhecimentos ou ampliar a sua cultura geral, conquanto a satisfação dessa curiosidade intelectual esteja hoje notavelmente facilitada.

Tiram-se cursos por correspondência, desenvolvem-se conhecimentos através dos programas culturais da rádio e da televisão, há cursos diurnos e nocturnos na maior parte das sedes de concelho que facilitam aos jovens enriquecer a inteligência e as faculdades intelectuais.

Isso é a *instrução*. O contrário chama-se *falta de instrução*.

Se mais gente não há que seja instruída é porque muitos preferem desperdiçar o tempo em diversões agradáveis mas, em grande dose, inúteis á vida.

A *ignorância* é diferente: consiste na falta de *conhecimentos que eram devidos*.

Por isso ninguém levará a mal que o alfaiate não perbebe de medicina (mas perbebe de certeza, que de medicina e religião toda a gente julga conhecer de sobejo!) mas será censurado se não souber cortar, linhar e cozer um fato capazmente. Neste caso ele é ignorante, naquele compreende-se e desculpa-se que não tenha da medicina o conhecimento próprio do médico.

A ignorância é, pois, falta

de ciência que obrigatoriamente se devia possuir, e... se não tem.

Mas a ignorância é tanto mais grave quanto mais afectar o teor de vida do ignorante, ou o tornar dependente de outrém. Assim o funcionário que passa as horas do emprego a perguntar aos outros colegas como deve ser feito o serviço de que está encarregado, não só profissionalmente não rende, como ainda prejudica o trabalho dos outros. Aquele que ignora o caminho da sua casa, e outros elementares conhecimentos humanos, mais se deve comparar às crianças ou aos loucos que a homem sensato e consciente.

A ignorância rodiz o indivíduo a uma condição inferior e humilhante, torna-se, até certo ponto, desprezível.

É especialmente digna de condenação a pessoa que não sabe, nem quer saber o que lhe competia saber, por indiferença ou para se considerar imune de culpa.

A preguiça intelectual não pode ser tomada como atenuante, nem sequer a ignorância sistematicamente mantida para declinar responsabilidades consegue isentar de culpa aquele sujeito que, por essa razão, infringiu a lei. Seria fácil iludir as normas fundamentais que regem a vida do homem civilizado e viver, em sociedade...

A vida social tornar-se-ia insuportável.

Cada sujeito não vai ser nem o é, o centro do mundo. Se não conhecer os direitos que usufrui e os deveres que está sujeito, como pode ele comportar-se como elemento útil da sociedade? Por

(Continua na 3.ª página)

PADRE JOSÉ DE MATOS FERREIRA

Precursor do Padre Martins Capela, na investigação da antiguidade romana da Geira D. S.

a minha inclita, e Augusta Braga, emula de trofeos, e Romanos triunfos; quando gentia a mais soberba, a mais rica e com presunções da mais formosa das que então erão do seu tempo em o mundo; tão altiva que nunca admitio sugestão, razão por que ao depois de povoada a mayor parte da Hespanha por Tubal, foi fundada por Brigo, quarto Rey de Hespanha (conforme a opinião que sigo por mais segura, deixadas outras muytas de varios autores) o qual começou a reinar nella no anno da creação do mundo 2056, antes do Nascimento de Christo 1906, e e primeyra jornada que fez este Rey, foy a Portugal, e nelle muytas cidades, todas do seu nome, como São Lacóbriga no Algarve, Cetobriga perto de Setubal;

Veyo Tubal, neto de Noé, povoar Hespanha no anno da criação do mundo 2330, e reynou nella 155 anos.

Brigo reinou na Hespanha 58 annos, e seu filho Tago, de quem o rio Tejo tomou o nome, 30 annos.

(Brito, Mon. Lusit. Tomo I)

Conimbriga, que hoje he Coimbra. Medobriga junto a Portalegre; Celiobriga, etc. por cuja razão diz Brito que no tempo deste Rey, foy com este nome Briga, que quer dizer povoação fortalecida, como em té agora Brigancia, que se diz ao presente Bragança; e não he menor razão que ha para dar este fundador a Braga, do que a Bragança; porque, se esta cidade fica situada no meyo da Provincia de

Tras os montes, que sem duvida por ser fertil he que foy povoada tão cedo: da mesma sorte Braga primeira povoação da Provincia do Minho, situada no meyo della, no sitio mais fertil de toda a Hespanha, que sem dúvida os primeyros habitadores de Hespanha procurarão por esta razão forão seus reedificadores (que alguns autores tem por fundadores os Egipcios, Gregos, Froyanos, Cartagineses, Gallos, Celtas, Romanos, Alanos, Suevos, Godos, e só os Sarracenos a destruição, anno de Christo de 719, que todos os mais a amplificarão; os Egipcios com hum templo magnifico à Deosa Isis, como se deixa ver ainda em o vestigio de hua pedra que se acha por fora da Sé Primacial de Braga, com esta letra—*Isidi Aug. Sacrum, etc.*

Os Gregos dotarão a seus habitadores a viveza do engenho, a habilidade e sutileza natural que tem: os bartagineses o esforço, a valentia, e valorosas armas com que igualarão, se já nao excederão as mais nações: os Galos, e Celtas o comércio e conhecimento com a mayor parte do universo; aos Romanos, pois, a conquista de Braga lhe custou quarenta annos, como diz Fr. Amador Arrais, e ficarão tão inclinados a esta cidade, que Augusto Cesar lhe deu o titulo de Augusta, constituindo-a *Convento juridico* com vinte e quatro cidades sujeitas, como diz Plinio, e *Colonia romana* como refere João Felis: os Suevos a fizerão Corte e assento de seos Reis mais de 170 annos: os Godos a conquistarão aos Suevos, e com tanta glória sua que Leovigildo seu Rei se jactou tanto desta conquista que mandou bater moedas de ouro, e esculpir de huma parte com coroa de louro na cabeça a sua efigie, e com esta inscripção: *Leovigildus Rex* e da outra parte o timbre de que usava, com esta letra à roda *Brachara victor*.

Esta he a fundação e timbre de Braga na sua gentildade: mais tanto que foy alumida com os rayos do Divino Sol Sacramentado (bragança ainda mais glorioso) primeiro que outra alguma do mundo depois da Palestina, o adorou e recebeu, e ficou tão mudada que a sua gentildade se lhe tornou na mais viva fé; a sua soberba nos mais profundos abatimentos ao verdadeiro Deos; a sua riqueza nos mais primordios obsequios, e cultos do seo adorado Soj; a sua grandeza e formosura nos alinhos de tão soberano Esposo de empenha; e por isso ellu

(CONTINUA)